



EDITORIAL

Seja bem-vinde ao segundo número do primeiro volume da Revista Pedagogia da Ancestralidade, idealizada pelos participantes do curso de extensão que recebe o mesmo nome. Nossa revista é um espaço de compartilhamento de produções textuais e artísticas em diferentes formatos e que abordam diferentes temas, sempre na perspectiva da ancestralidade, entendida aqui como modo de vida.

Nosso material tem como referência as matrizes civilizatórias negras e indígenas, como forma de contribuirmos aos processos de promoção de justiça histórica e cognitiva para com povos originários de África e das Américas, processo que é protagonizado por negres e indígenas em movimento nos mais diferentes tempos, territórios e segmentos. É uma forma de honrarmos os esforços de nossos antepassados, muitos dos quais silenciados e marginalizados. Que por meio de nossas bocas elus falem. E que nunca mais se calem.

O processo de apagamento resultante dos projetos e ações etnocidas e epistemicidas contra sociedades negras e indígenas foi e continua sendo real, deixando nas corpos-territórios que materializam modos de vida e cosmopercepções tradicionais marcas históricas muito profundas e violentas. Sofrem pessoas humanas, sofre a Mãe Terra, sofre a mata, a água, a montanha, o céu, o raio, o mineral: formas-vida parentes, que compartilham conosco a origem do grande útero, o sopro primordial, a matéria desde o início. Já dizia Ailton Krenak que nós também somos estrelas e nossa matéria circula no universo desde o início de tudo. Esquecemos destes elos de ligação e interinfluência e acreditamos que passaremos imunes à destruição ambiental. Que a destruição de uma comunidade tradicional não nos trará prejuízos. Mas está tudo interligado, e cada ação gera uma reação num processo vivo em cadeia que, nos tempos acelerados de hoje, nos leva cada vez mais rápido ao nosso sufocamento. O fracasso do processo civilizatório ocidental capitalista que é eurocêntrico e antropocêntrico já há muito tempo é denunciado pelos povos e comunidades tradicionais que, por meio de seus modos de vida, nos ensinam, todavia, que outros mundos são possíveis.

Gostaríamos de inspirar a sua reflexão sobre as grandes mudanças que precisamos provocar no nosso tempo e espaço, e de apresentar os caminhos possíveis a partir da ancestralidade como modo de vida, experimentado e preservado por comunidades negras e indígenas onde valores de colaboração, socialização e integração são fundantes.

Neste segundo número, abordamos alimentação, ervas e plantas, ancestralidade afetiva, oportunidades, corporeidades, escrevivência, brincadeiras, artes e expressão, amor, defesa da ancestralidade e memória. Esperamos que esta revista seja inspiradora no seu processo de bem-viver; particular, porém referente e integrado a uma realidade coletiva, possível de se identificar a partir dos nossos próprios processos de construção de identidade e pertencimento, de experimentação de ser corpo-território consciente. Que seja bom, que seja potente. Degustemos!

Carlos Pereira